

A “ENERGIA SOCIAL” DO ESPORTE – APROXIMAÇÕES E EXPERIMENTAÇÕES POSSÍVEIS A PARTIR DE UM CONCEITO

THE “SOCIAL ENERGY” OF SPORTS – POSSIBLE APPROXIMATIONS AND EXPERIMENTS FROM A CONCEPT

LA “ENERGÍA SOCIAL” DEL DEPORTE – APROXIMACIONES Y EXPERIMENTACIONES POSIBLES A PARTIR DE UN CONCEPTO

Cristiano Mezzaroba

Universidade Federal de Sergipe

cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

Resumo

O ensaio procura experimentar o conceito de energia social (Greenblatt, 1988) tendo como objeto o esporte e suas manifestações na contemporaneidade. Pressupõe-se que há algo no esporte, seja como prática, seja como assistência midiaticizada, que faz circular elementos estéticos e culturais próprios de caracterizações de um modo de ser na atualidade. Sem pretensões conclusivas, procura-se elencar um apanhado de questões que tensionam possibilidades de extrair do esporte algo em torno do conhecimento, configurando-se como desafio ao campo educativo e das humanidades.

Palavras-Chave: Energia social. Esportes. Sociologia. Humanidades.

ABSTRACT

This essay seeks to experiment on the concept of social power (Greenblatt, 1988) having sports and their manifestations in contemporary times as its object. It is assumed that there is something in sports, whether as a practice or as a mediatized assistance, which enables the circulation of aesthetic and cultural elements which are part of characterizations of a way of being in the present time. With no conclusive goals, this essay seeks to list an overview of issues that emphasize possibilities of extracting from sports something regarding knowledge, configuring it as a challenge to the educational field and the humanities.

Keywords: Social Energy. Sports. Sociology. Humanities.

RESUMEN

En este ensayo se pretende experimentar el concepto de energía social (Greenblatt, 1988) que tiene como objeto el deporte y sus manifestaciones en la contemporaneidad. Se supone que hay algo en el deporte, ya sea como una práctica o como asistencia mediaticizada, que hace circular elementos estéticos y culturales propios de caracterizaciones de una manera de ser en la actualidad. Sin pretensiones conclusivas, se busca lanzar una visión general de cuestiones que tensionan posibilidades de extracción del deporte algo en torno al conocimiento, configurándose como un desafío para el campo de la educación y de las humanidades.

Palabras Clave: Energía Social. Deportes. Sociología. Humanidades.

Introdução

Neste ensaio a intenção, um tanto arriscada, é “experimentar” um conceito – de “energia social” (ES) (GREENBLATT, 1988) – imerso, com todas as “contaminações” possíveis, na contemporaneidade, dado que neste exercício reflexivo o esporte, em especial o futebol, será colocado como objeto a ser observado, indagado e talvez mais bem compreendido.

O esporte hegemonicamente é analisado em seus aspectos técnicos, táticos, físicos. Há uma literatura muito vasta que se propõe a observá-lo com tais “lentes”. Há algum tempo, as ciências sociais e humanas também têm deslocado suas investigações em direção a este objeto social, procurando entendê-lo dentro do conjunto da sociedade, para além das questões psicológicas que configuraram as primeiras abordagens, mas também para aquelas possíveis de serem articuladas à cultura, à história, à economia, à política, à educação entre outras possibilidades.

Vertentes sociológicas e antropológicas chegam a afirmar que pelo futebol, juntamente com o carnaval, é possível se compreender a complexa sociedade brasileira (como sustenta DAMATTA, 1997). Poderíamos indagar sobre o paradoxo de, por que, por exemplo, no âmbito do cotidiano o esporte atrair atenção cada vez maior, portanto ter uma ES, e como objeto das ciências sociais ele ter sido tratado como um objeto menos importante.

No ensaio, aqui proposto, levo em consideração duas “dicas” que Pierre Bourdieu tão sabiamente nos dá. Em primeiro lugar, a necessidade de estranharmos em relação ao que nos é familiar. Se Bourdieu se questionava e fazia sua vigilância epistemológica entrar em ação devido ao difícil exercício de olhar para a instituição na qual fazia parte (no caso dele), aqui, no meu caso, será cercar aquilo que tenho como “gosto”, ou seja, o esporte, procurando estranhá-lo para mais bem compreendê-lo. Bourdieu (2013, p.21, grifo do autor) sugere que por estarmos presos ao mundo social, “[...] somos obrigados a encontrar, numa forma que se pode dizer dramatizada, um certo número de problemas epistemológicos fundamentais”.

Em segundo lugar, e tão importante quanto a primeira dica, é se colocar a tratar coisas que compõem nosso presente mais imediato. Trata-se do alerta do referido sociólogo àquilo que ele mesmo colocou em prática ao analisar o Movimento de Maio/68 na França (BOURDIEU, 2013), no que denominou de cuidado com a “atenção imediata ao imediato” – isto é, o imediatismo das análises tem implicações políticas.

Se para Bourdieu o “momento crítico” foi Maio/68 na França, neste exercício de reflexividade “congelamos¹” nosso presente para tornar nossos dias atuais em um “momento crítico” para pensar o esporte no âmbito da sociedade, em especial o futebol, considerando-se que conferimos toda uma preparação, bastante intensa, para mais uma Copa do Mundo de Futebol (CM), pela segunda vez realizada em território brasileiro. O “caldo” das manifestações ocorridas em várias cidades brasileiras em junho de 2013, conforme acompanhamos, prioritariamente tinha como argumento a realização da CM no Brasil e a falta do “Padrão FIFA” em questões mais prioritárias, como educação, saúde e segurança. De todo modo, fica novamente a provocação em relação ao exercício que se coloca neste ensaio: essa ES mobilizada foi possível pela forma como segmentos da população brasileira se colocaram diante dos gastos públicos para a realização de um megaevento esportivo?

Será nesse exercício tenso que construirei meu argumento, pautado pela força do esporte na contemporaneidade em relação ao conceito de ES (GREENBLATT, 1988), pelo seu papel na constituição de identidades nacionais, sua eficácia simbólica e ao mesmo tempo, segundo uma Teoria Crítica, em especial a de Adorno (1995a; 1995b), o seu caráter ambíguo e o seu papel como elemento da indústria cultural na atualidade com a cultura do espetáculo (VAZ, 2008; 2014), além de sua função no processo civilizador (ELIAS, 1993; 1992a; 1992b). Pensadores clássicos serão mobilizados no diálogo aqui presente, como Benjamin (2012), Gay (1995), Lasch (1983) e Bourdieu (1997).

SOBRE A “ENERGIA SOCIAL”

O primeiro contato com a expressão ES ocorreu ao tomar conhecimento do texto do historiador francês Roger Chartier (2011), chamado “O passado no presente: ficção, história e memória”, em que ele procura, à sua maneira, traduzir o imaginário do tempo histórico que investiga, tendo a cultura como tema central de sua obra. Para isso, Chartier menciona o diálogo com Stephen Greenblatt, e seu conceito de ES, assim como com Pierre Bourdieu, a partir de seus escritos sobre o campo cultural, e também com Paul Ricoeur, com o conceito de representação.

Neste mesmo texto, Chartier (2011, p.96) escreve que “Greenblatt define a noção de ‘energia social’ como uma noção-chave tanto para o processo da criação quanto para a capacidade das obras de transformar as percepções e as experiências de seus leitores ou espectadores.”

Foi a partir dessa afirmação que, mesmo sem nunca ter tido contato com o termo ES, imaginei a possibilidade de se pensar sobre o esporte a partir deste conceito, em especial o futebol e toda criação estética exercida pela televisão (pelas mídias em geral), potencializando essa “energia” do esporte que se intensifica em épocas de CM de Futebol e Jogos Olímpicos (JO).

Chartier (2011, p.97) considera que “[...] o que define a força estética das obras, ou de certas obras é ‘a capacidade de alguns traços verbais, orais, e visuais de produzir, configurar e organizar experiências tanto físicas quanto mentais’.” Poderíamos traçar paralelos entre obras de arte e de literatura de outrora com a significação do esporte na modernidade, principalmente em relação aos seus sentidos e significados quando aparece sob a forma de espetáculo esportivo?

Segundo DeMattos (2012), Greenblatt, historiador inglês, é considerado o pai do “novo historicismo”, uma linha de estudos que se debruça na verificação do contexto de produção de uma obra, investigando as influências sofridas pelo autor nas suas relações entre literatura e vida pessoal. Conforme o site O Globo (2011), trata-se de um intelectual de curiosidade infatigável, orador e ensaísta de prosa cativante e erudita. Seu “novo historicismo” possui vertentes do marxismo e do desconstrutivismo, tendo sido cultuado na década de 80, defendendo uma análise da obra de arte através de seu contexto histórico e, simultaneamente, a compreensão da história cultural através das obras.

Para Ramos (1993), ao tratar de ES, Greenblatt procura compreender como os objetos culturais adquirem força. Essa “energia” seria a capacidade de mobilização coletiva, por isso, “social” (pela sua significação e pelo grande poder de mobilização coletiva), dos significados que são sociais e históricos ao mesmo tempo.

Greenblatt (1988) se dedica a compreender a sociedade renascentista, relacionando o poder com a literatura da época e sua força até a atualidade, procurando não a centralidade, mas o que há nas margens, nas bordas. Ao focar Shakespeare, ele faz a associação entre um artista total e uma sociedade totalizadora. Segundo Greenblatt (1988, p.34): “El resultado de la confrontación entre un artista total y una sociedad totalizadora ha sido un conjunto de obras de arte únicas, inagotables y de un extraordinario poder.”¹

Para ele, o termo “energia” tem um significado social e histórico. Experimentamos seus efeitos em nós mesmos. Seria possível imaginarmos uma resposta dos efeitos do esporte – como um todo – em nós mesmos, tanto em relação ao consumo, às práticas corporais, à maneira de considerarmos que corpo temos/somos, a relação do esporte com trabalho e com lazer?

Mas qual seria o conceito de ES? Que possibilidades interpretativas poderíamos fazer sobre tal conceito em relação ao objeto aqui selecionado? Greenblatt (1988, p.40) argumenta que a ES é identificável de forma indireta, não quantificável, por meio de seus efeitos:

La energía se identifica sólo de forma indirecta, a través de sus efectos: su manifestación en la capacidad de ciertas huellas verbales, auditivas y visuales para producir, configurar y organizar experiencias colectivas de orden físico y mental. Así, pues, se asocia a formas de placer e interés recurrentes, capaces suscitar inquietud, dolor, temor, emoción, compasión, risa, tensión, consuelo, maravilla. En sus modalidades estéticas, la energía social debe ser mínimamente predecible [...].

Greenblatt (1988, p.37) propõe que se comece a considerar que o prazer e o interesse literários são criações coletivas, e sustenta que seu objetivo, com tal conceito, seria “[...] comprender las negociaciones que permiten a las obras de arte obtener y amplificar una energía tan poderosa.” (Idem, p.41).

Greenblatt (1988, p.57-58) questiona sobre o poder de circulação que se transforma em energia social:

¿Qué es, pues, la energía social que se pone en circulación? Poder, carisma, excitación sexual, sueños colectivos, maravilla, deseo, angustia, temor religioso, libre intensidad de la experiencia: en cierto sentido la pregunta anterior es absurda, puesto que todo lo producido por la sociedad puede circular, a menos que se lo excluya deliberadamente de la circulación.

Conforme Teixeira (2008, p.14), Greenblatt argumenta que a ES circula no contínuo comércio simbólico de valores culturais – não podemos perder de vista, então, que o esporte na contemporaneidade é um elemento integrador de uma dada cultura e possui seus valores característicos e intrínsecos, como a competição, a performance, a eficiência etc.

Teixeira (2008) afirma que é possível compreender mecanismos de circulação e negociação de ES, seguindo algumas premissas elencadas por Stephen Greenblatt em *Shakespearean Negotiations*:

1. Não pode haver apelo à ideia de gênio como origem das energias da grande arte.
2. Não pode haver criação sem motivo.
3. Não pode haver representação transcendente, atemporal ou imutável.
4. Não pode haver artefatos autônomos.
5. Não pode haver expressão sem uma origem e um objeto, um de e um para.
6. Não pode haver arte sem energia social.
7. Não pode haver geração espontânea de energia social (GREENBLATT, 1988 apud TEIXEIRA, 2008, p.13, grifos do autor).

Pensando, então, no conceito de ES e neste exercício reflexivo, de transpor do campo literário/artístico o exemplo de Greenblatt e utilizarmos o esporte como elemento que permite visualizarmos uma ES na contemporaneidade, poderíamos pensá-lo em seu poder que se articula das mais diversas maneiras: o esporte como práticas humanas e seu caráter educativo e socializador; o esporte e a saúde; o esporte e sua relação com o corpo; as questões de racismo e machismo que são afloradas no mundo todo devido ao esporte e ou encontram seu lugar de expressão no esporte; a lógica do consumo em relação ao esporte; a publicidade e a linguagem esportiva; a lógica do entretenimento e da cultura do espetáculo – principalmente quando “bateram em nossa porta” os megaeventos esportivos (JO e CP); a música, a literatura, a arte, o cinema, o jornalismo, a televisão, o rádio – como tudo isso se associa, utiliza e é utilizado pelo esporte?

Não há dúvidas que existe um duplo papel nessa ES quando pensamos o esporte circulando na sociedade contemporânea: reconhecer a potência dessa energia, mas também não perder o sentido e a necessidade de crítica a esse elemento moderno, já que não é uma manifestação a priori: ela é construção humana, e por isso a possibilidade de se configurar como algo ambíguo e complexo.

ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS: EXPERIMENTAÇÕES DO CONCEITO COM O OBJETO

Nos últimos anos, apesar de incipiente, as ciências sociais e humanas, no exterior, principalmente, mas também no Brasil, vêm se colocando a observar com mais atenção o esporte como fenômeno cultural (GUEDES, 2011). Assim, historiadores, sociólogos, antropólogos, economistas, psicólogos, geógrafos, filósofos e pedagogos incluem o esporte no rol dos objetos de investigação – cada um com suas intenções e problematizações de seu campo.

Não podemos negar o poder de mobilização do esporte. Às vezes exageradamente, o esporte é colocado – e utilizado – como elemento político, versão “apaziguadora” ainda dos tempos gregos, em que o discurso se pautava com o esporte tendo o poder de impedir e suspender guerras. Na contemporaneidade o esporte vai sendo interpretado pela sua representação bélica, a partir de autores como Benjamin (2012), ao falar da “estética da guerra”; como Elias (1992a; 1992b), com a simulação do confronto dentro de regras pré-definidas e com o controle da violência, e também com Gay (1995) que considera que, numa sociedade belicosa como a nossa, o esporte ajudaria a constituir o homem viril.

Também não podemos desconsiderar o caráter de entretenimento do esporte, atrelado a uma cultura midiática espetacularizada. Benjamin (2012) capta que o nosso modo de ver, característico da modernidade, acabou sendo condicionado pela tecnologia da lente (na época, refletia em torno do cinema – e hoje, mais que nunca, podemos ver a intensificação do “olhar” como sentido dominante do mundo social, principalmente nas telas das televisões e computadores, celulares e smartphones).

Vaz (2008, p.208) afirma que:

O fascínio do público pelo esporte, que muitas vezes se manifesta pela excitação com os acidentes, com as jogadas violentas, com o sofrimento dos atletas e seu extremado sacrifício, é uma expressão da consciência reificada, da mobilização de energias psíquicas adaptadas aos esquemas da indústria cultural.

Se Benjamin tratava do cinema como “expressão de um tempo”, poderíamos falar no esporte atual como expressão de um tempo, que captura valores do presente e permite vermos/identificarmos/compreendermos que momento é esse que vivemos? Um desses valores que poderíamos identificar quase de imediato seria a exigência de desempenho – característica, diga-se, próprio do *modus operandi* do mundo atual, e no esporte isso se manifesta claramente: partimos do pressuposto, ao assistir algum jogo, que aqueles atletas são mais que máquinas, eles não podem cansar, não podem errar, não podem perder!

Benjamin (2012, p.198) comenta que a exposição do esporte permite à grande massa controlar e compreender as ações, porque o esporte é conhecido e assim as massas supostamente o dominam. Mas tais espectadores são considerados “semiespecialistas”. Há algo que lhes falta, porque a formação humana na sua integralidade lhes falta. Poderíamos pensar que a característica do esporte atual, sua “falação esportiva” (ECO, 1984) é própria da semiformação: são discursos e imagens que circulam sem um “algo mais”, coisas que se repetem na imensidão das mediações culturais, principalmente as tecnológicas – naquilo que Bourdieu (1997) tão bem capturou, ou seja, a “circularidade circular da informação”, e que poderia ser articulada à circulação da ES, conforme Greenblatt (1988).

Para o historiador Christopher Lasch (1983, p.140), “A televisão ampliou a audiência dos esportes, ao mesmo tempo em que diminuiu o nível de sua compreensão”. Segundo tal autor, que compreende o esporte na sua relação com entretenimento:

A ascensão dos esportes de audiência à sua atual importância coincide historicamente com a ascensão da produção de massa, que intensifica as necessidades a que o esporte satisfaz, enquanto cria a capacidade técnica e promocional de comercializar competições para uma vasta audiência. (LASCH, 1983, p.136).

Nesse movimento do esporte como prática humana se tornando um produto de entretenimento, Lasch (1983) considera que os valores do esporte acabam sendo direcionados à exacerbação da competição, ao foco nos “fins” (cultuando a vitória) e à violência. Entretanto, em relação a uma visão que costuma alegar que são os valores do esporte que são reproduzidos pela sociedade, Lasch (1983, p.137) argumenta que quando se critica o esporte pela questão da violência e da sua competição, como algo peculiar aos tempos modernos, esquece-se que a sociedade contemporânea é que degrada o es-

porte.

Poderíamos tecer novas associações ao nosso objeto e à tentativa de pensá-lo enquanto ES, pelo seu caráter de ser reproduzido para bilhões de pessoas em todo mundo. Lasch (1983, p.137) acredita que “os esportes modernos são ‘mais orientados para o espectador, do que para o participante’”. Em relação a Benjamin (2012), poderíamos indagar: que comportamento social provocam os espetáculos esportivos? Seria imersão ou seria distração? Apesar de Benjamin fazer tal diferenciação entre a obra de arte clássica e a contemporânea, seria possível pensarmos no esporte aqui? O esporte, ao ser tratado como mais um produto de entretenimento midiático, perde sua aura? Se pensarmos, também, com Benjamin (2012) na relação entre o valor de culto (esconder) e o valor de exposição (mostrar), poderíamos alegar que o esporte, neste contexto, se coloca sempre como valor de exposição, já que perdeu seu caráter estético e vale seu caráter de “produto midiático”? Se ele é tão exposto assim, que ES há nele desde o século XX que é cada vez mais acionado?

Se lembrarmos que Greenblatt (1988), ao tratar do conceito de ES pensa nos signos visuais daquilo que circula na sociedade num determinado contexto histórico-social, seria possível visualizarmos, aqui, uma ES a partir da reprodução do entretenimento midiático?

A título de exemplificação, cito na sequência do texto alguns achados de uma mera assistência a um programa televisivo¹, que, a duas semanas da abertura da CM de 2014, procurou mostrar como “o brasileiro”, disperso geograficamente, lida com o futebol e como isso é articulado culturalmente: “Se você junta brasileiro e bola, tem energia no ar!” (ERNESTO PLAGLIA, Programa Fantástico, 01/06/2014, abordando a preparação em vários locais do Brasil faltando 11 dias para a Copa – mobilização no RS, PR, PE e na PB, entre outros estados brasileiros.

“Em comum, a paixão pelo futebol...” (GRAZIELA AZEVEDO, Programa Fantástico, 01/06/2014, comentando a relação de uruguaios e brasileiros em região fronteiriça, sendo o futebol um elemento integrador da cultura). Encerra: “[...] é aqui, onde começa o Brasil, onde vizinhos, muito mais que adversários, são parceiros na paixão pelo futebol [...]”

“[...] e prova que quando o assunto é futebol, neste país, todos falam a mesma língua...” (MARCOS LOSEKAN, Programa Fantástico, mostrando o contexto de inserção dos indígenas com o futebol em Oiapoque/Roraima).

Um outro exemplo, lido numa reportagem de um portal de informação² do sul do Brasil, chamou a atenção pelo tom utilizado pelo presidente da FIFA, Joseph Blatter, convocando os brasileiros a se envolverem com a CM:

[...] Faltando sete dias para o Mundial, o cartola fez um apelo durante entrevista coletiva do Comitê Organizador Local (COL) para que a sociedade se mobilize para apoiar a seleção e o evento.

— Estamos trabalhando com os governos em confiança para entregar a melhor Copa jamais feita. Mas precisamos também do apoio do povo e isso é importante — disse Blatter.

— Estou certo de que, quando o pontapé inicial for dado, todo o País voltará à febre do futebol. Tenho certeza que o ambiente desse País vai mudar — declarou.

Blatter chegou a chamar o futebol de um “movimento social” e pediu que todos se unam a esse projeto.

— O futebol é um movimento social onde todos estão dentro. Tenho certeza de que todos estarão dentro desse movimento — afirmou. [...]

O cartola lembrou que a Copa é uma janela do Brasil para o mundo e que isso é algo positivo para a população. [...]. (grifos meus)

Vemos com esses poucos exemplos, principalmente em relação ao destaque dado em alguns termos, que o esporte, neste caso, o futebol, mobiliza uma “energia” que em seu conjunto poderíamos

nomeá-la de “social”. Aqui, onde o futebol tem toda uma conotação simbólica de nacionalismo, de geração de uma identidade “tipicamente” brasileira, isso fica evidente nessas épocas de CM. Certamente que essa ES também é acionada em outros países cuja tradição futebolística é forte, como Argentina, Alemanha, Itália, Inglaterra, Espanha, Portugal, Uruguai, entre outros. Assim como outros países, com outras modalidades, também se gera atenção em momentos de campeonatos mundiais diversos (um outro bom exemplo seriam os JO), mas poucos esportes e contextos nacionais possuem tamanha capacidade de mobilização como o futebol no Brasil (talvez o football nos EUA pode ser comparado a ele).

Bourdieu (2004) também utiliza o termo “energia social acumulada”, referindo-se à ideia de poder e a legitimação desse poder, e portanto aos modos de dominação, sem menção ao conceito de Greenblatt (1988).

Poderíamos pensar, quanto ao poder econômico que o esporte como fenômeno faz circular no mundo todo, ao mesmo tempo, nessa reconversão do econômico para o simbólico, isto é, na capacidade que o esporte tem – muito em função do trabalho midiático que é exercido sobre/com/para ele – em criar mecanismos simbólicos de gosto, de práticas, de significados em geral. Numa perspectiva estruturalista, no sentido de se associar o esporte como outrora se considerou ser o futebol como “ópio do povo”, Bourdieu (2004, p.211) ajuda a entender esse mecanismo de uso de certa ES canalizada para o esporte:

A reconversão permanente do capital econômico em capital simbólico, mediante o desperdício de energia social que é a condição de permanência da dominação, só pode ter sucesso com a cumplicidade de todo o grupo: o trabalho de denegação que está na origem da alquimia social é, como a magia, um empreendimento coletivo.

Seria possível atribuímos ao esporte certo caráter de ES àquilo que Elias (1993) considera como processo civilizador? O sociólogo alemão valoriza as análises em torno da cultura – e nem tanto à economia, como fez Marx – pensando na constituição dos Estados Nacionais e destacando o controle da violência pelo Estado. Para Elias, as configurações vão se desenhando de maneira cada vez mais complexificada, a partir das interdependências, manifestadas no controle da violência com o autocontrole/autodisciplina dos indivíduos (um controle cada vez maior das emoções, que leva a um modelo de civildade), e também, num plano macro, com a cobrança dos impostos.

Em seus textos, Elias (1992a; 1992b) situa o contexto de surgimento do esporte. Percebe que foi na Inglaterra o lócus específico para o nascimento e desenvolvimento dos sports, inicialmente como passatempos que, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX são transformados pelo processo de esportivização, concomitante ao processo de industrialização (ELIAS, 1992a).

No processo civilizador, o elemento específico é o nível de violência. Sem poder quantificar, embora sendo um processo quase que oculto e sutil, seria possível depreender de tal processo civilizatório a geração de uma ES que atinge a sociedade, não como um todo, pois embora tendamos a generalizar a sociedade (no singular), sabemos que tanto no Ocidente, como no Oriente, há uma diversidade de “sociedades”. Talvez, o que há em comum é uma linguagem homogênea, que o esporte, à sua maneira, consegue se fazer entender em qualquer parte do mundo. A FIFA, Federação Internacional de Futebol, que controla as ações desta modalidade esportiva no mundo, gaba-se que há mais países associados à ela do que à ONU – Organização das Nações Unidas.

Poderíamos arriscadamente dizer que há uma ES vinculada ao futebol maior que à própria geopolítica mundial? Claro que não, mas temos aí um indício da força que neste caso, o futebol, como prática institucionalizada, passou a ter no transcorrer da história. Talvez por isso, Elias (1992b, p.243) vai considerar que “O desporto é, de facto, uma das maiores invenções sociais que os seres humanos realizam sem o planear.” E nesse sentido, vai reorganizando forças – bastante visível atualmente na sua junção com o campo midiático e econômico – para garantir sua perpetuação e intensificação, conferindo um modelo que ao mesmo tempo pauta valores e sentidos para a sociedade e absorve seus elementos.

Um bom exemplo é a ascensão do MMA (Artes Marciais Mistas), que vai ganhando adeptos e

cada vez mais espaço na mídia, surge num contexto já bastante específico de espetacularização esportiva, muito vinculado a um determinado tipo de publicidade (endereçada a um público prioritariamente masculino), em que a violência das lutas é estetizada, valorizando-se a força, o desempenho, a performance.

Outros valores sociais também são vinculados ao esporte, como a saúde, a aptidão e o bem-estar da nação (já que o esporte traz prazer e alegria, mas também sofrimento e tristeza), como pensa Lasch (1983). No caso dos EUA, Lasch (1983, p.146) traz um exemplo de como esses valores são utilizados naquela sociedade num determinado período histórico, quando a classe alta norte-americana “abraçou” o ideal da “vida enérgica”, em que “esportes desempenhavam uma parte importante nesta reabilitação moral da classe dominante.”

Lasch (1983) trabalha com as implicações do esporte na sociedade e o quanto os valores da atualidade influenciam princípios de uma sociedade no esporte. O desenvolvimento do esporte segue o mesmo padrão, ou seja, o mundo do entretenimento e do espetáculo. Visualiza a utilização cada vez maior dos ídolos, que à sua maneira, pelas suas proezas, pelos seus momentos singulares, pelas coisas que só eles conseguem realizar, “tornam-se celebridades dos meios de comunicação de massa e suplementam seus salários com endossos que geralmente excedem os próprios salários.” (Idem, p.154). Que ES seria essa que um indivíduo, na sua singularidade, consegue mobilizar com um gesto esportivo que realiza num determinado contexto competitivo? Fama internacional, atenção dos holofotes, invasões quanto às suas vidas privadas, convites para festas, dinheiro em quantias exorbitantes, figuras-chaves para peças publicitárias – eis formas “objetivas” de exemplificar como os ídolos atraem atenção e arregimentam uma “energia social”: “[...] a emergência do espetáculo como a forma predominante de expressão cultural.” (Idem, p.160).

O esporte é “[...] uma das formas contemporâneas mais importantes de organização da corporeidade” (VAZ, 1999, p.92) e merece uma análise mais complexa de acordo com Adorno (1995a, p.127):

seria preciso estudar também a função do esporte, que ainda não foi devidamente reconhecida por uma psicologia social crítica. O esporte é ambíguo: por um lado, ele pode ter um efeito contrário à barbárie e ao sadismo, por intermédio do fairplay, do cavalheirismo e do respeito pelo mais fraco. Por outro, em algumas de suas modalidades e procedimentos, ele pode promover a agressão, a brutalidade e o sadismo, principalmente no caso de espectadores, que pessoalmente não estão submetidos ao esforço e à disciplina do esporte; são aqueles que costumam gritar nos campos esportivos.

Esse caráter ambíguo do esporte ajuda a ilustrar as “energias”, não só social, mas também corporais e psicológicas que o esporte mobiliza, e que conforme Adorno (1995b, p. 79) merece uma “[...] penetrante sociologia do esporte, sobretudo do espectador esportivo”. O esporte pode adquirir uma dimensão infantilizante e, por outro lado, ainda por sua possível característica aristocrática, com seu caráter desinteressado, um caráter emancipador que resistiria à barbárie (VAZ, 2002).

Ainda de acordo com Vaz (2008, p.202):

[...] há momentos nos quais o esporte é considerado um elemento formador da disciplina corporal que pode promover valores como solidariedade, compromisso em colaborar – valores que ele [Adorno] considera poder ser positivos em momentos políticos críticos –, muitos deles recorrentes no ideário aristocrático [...].

Decodificar a ES que circula em torno do esporte e as implicações disso nas múltiplas esferas da sociedade, em especial, ao campo da educação e da Educação Física coloca-se, portanto, como um desafio necessário, ainda mais em períodos como da escrita deste ensaio (véspera da abertura da CM no Brasil, ou mesmo com o envolvimento diante dos JO se realizarem pela primeira vez no Brasil, em 2016), momento de reflexão contaminado por uma “energia” que vai se intensificando no dia a dia a ponto de

não ter como não vê-la, como não senti-la e a ponto, às vezes, de não ter como não segui-la pela própria movimentação social que provoca em cada um e na coletividade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ciências sociais e humanas ao longo de sua tradição talvez não tenham dado ao esporte a atenção que este fenômeno social merece e demanda. No interior da hierarquia dos objetos sociais, o fenômeno esportivo se coloca na contemporaneidade como um “prato cheio” para investigarmos e indagarmos constantemente que ES há aí que possa ser articulado com nosso tempo presente.

Finalizando essas reflexões, coloco-me em situação de diálogo com Vaz (2008), pois considero que, neste momento, seria superficial e problemático apontar sínteses diante do exercício reflexivo, embora seja possível seguir tensionando a análise para intensificar ainda mais o intento proposto, no sentido de descobrir “condições de possibilidades”, conforme Bourdieu e Chartier (2012), na relação entre esporte, sociedade e sua ES. Nessa ES mobilizada pelo esporte e devolvida a ele para a sociedade, quais possibilidades disso para o campo educacional? Finalizo com alguns diálogos com Vaz (2008; 2014):

Ao pensar o esporte a partir das considerações de Adorno, Vaz (2008, p.201) escreve: “Lembre-se de que o esporte não é um fenômeno social com muita sorte com Adorno. Ele o critica duramente em quase todos os escritos como expressão de dominação sádica da natureza, da celebração do sacrifício.” Se era tomado de tanta crítica, e ainda é, é por que há uma ES nele que significa algo a ser melhor compreendido? Vaz (2014) responde considerando que talvez sim, que “É preciso analisar o esporte dialeticamente, observando-lhe o momento de verdade em sua inverdade e vice-versa.” O autor complementa informando que “O esporte é o que Adorno mencionou e criticou, mas é também outra coisa e seu oposto. Ademais, esportes são esportes e seus contextos.”

Vaz (2008, p.203), associando o esporte como um elemento captado pela indústria cultural e transformado em entretenimento pela cultura do espetáculo, argumenta que: “[...] é o esporte, modelar para as análises de Adorno sobre indústria cultural, questão muito importante para um país cuja mobilização em torno da Copa do Mundo de Futebol – espetáculo de uma das máximas expressões da cultura popular brasileira – ganha ares de liturgia cotidianas a cada quatro anos.”

Se é espetacularizado, é por que tem uma “energia” a ser extraída? Que ES seria essa? Vaz (2014) comenta que “O esporte tem um poder de mobilização tremendo, responde a desejos e demandas nossos (nós: humanos e modernos). Por outro lado, não é ele capturado pela indústria cultural, mas produzido segundo seus mecanismos.”

Pensando no caráter de mediação do contemporâneo e no próprio caráter modelar para se pensar a sociedade administrada, Vaz (2008, p.209) afirma: “A grande tribuna do espectador é, no entanto, a onipresente televisão, algo que Adorno (1963) intui na década de sessenta do século passado e que em anos de Copa do Mundo de Futebol fica mais do que claro.”

“Contaminados” pelo presente (CM/2014 e JO/2016), o que significa poder refletir sobre esse tempo, indagá-lo e criticá-lo? Para além da televisão, nosso mundo atual vê uma intensificação com o uso da internet. De que maneira isso contribui tanto para a mobilização dessa ES como para a desmobilização em torno de um conhecimento mais amplo de todos esses processos sociais e históricos? Vaz (2014) sustenta que “Isso precisa ser investigado nos termos de que os meios são forma e como tais apresentam-se como conteúdo a formatar subjetividades (corpos e sentidos) e objetos-objetividades, não são apenas veículos de transmissão.” Complementa dizendo: “A extrema exposição e produção de meios e informações e estímulos visuais e sensoriais não deixa muito espaço para as experiências.”

Tanto no campo intelectual como no campo jornalístico, há uma grande quantidade de agentes que se dedicam a tratar do esporte como elemento cultural, isso é justificado por que há no objeto uma ES? Como fazer uso dessa “energia” sem cair em visões ufanistas, românticas ou acríticas? Vaz (2014) considera que isso é possível “Assumindo o movimento contraditório das coisas, da história, observando que o esporte contém o potencial do ufanismo e das visões acríticas, por sua constituição e conteúdos, mas

também é patrimônio cultural a ser cultivado.”

Vaz (2008, p.210-211) afirma que: “No caso do esporte em sua versão espetacular, sobretudo aquela propagada pela televisão, o esforço ‘reconciliatório’ é realizado em outra direção [em relação ao corpo]. Em primeiro lugar, diz respeito às narrativas que orientam os telespectadores, tanto pelos planos, cortes e montagens quanto pelos apelos nacionalistas e xenófobos [...] Em segundo lugar [...] Trata-se de buscar, por meio dos esquemas da indústria cultural, a forja de uma ‘identidade nacional’ que estaria demarcada, nos brasileiros, pela ‘espontaneidade’, pela habilidade corporal e pela malícia, pela ‘malandragem’, numa espécie de mosaico ou hibridismo [...]”

O esporte, como produto da indústria do entretenimento e seu poder simbólico ao ser relacionado ao modo de vida da sociedade deve possuir algo de “aura especial”, pois, se foi tomado pela grande mídia é porque há algum tempo viu-se nele uma ES a ser explorada? Vaz (2014) observa que o esporte “[...] é um produto dos mais interessantes e correspondentes às sensibilidades contemporâneas: velocidade, desempenho, exagero, excesso, excitação, narcisismo etc.”

O ensaio, portanto, coloca-se mais como um apanhado de questões a serem observadas com mais atenção do que qualquer tentativa conclusiva, precipitada ou superficial. Pensar se é possível extrair algo desse esporte em torno do conhecimento seria o desafio para articulá-lo ao campo educativo e das humanidades.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. Educação após Auschwitz. In: _____. **Educação e emancipação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a, p.119-138.

_____. Tempo livre. In: _____. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995b, p.70-82.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Obras escolhidas I**. 8ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p.179-212.

BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BOURDIEU, P. **Homo academicus**. 2ª. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Modos de dominação**. In: _____. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2004, p.191-219.

CHARTIER, R. O passado no presente. Ficção, história e memória. In: ROCHA, J.C. de C. Roger Chartier – **a força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2011, p.95-123.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE MATTOS, R. **A Virada, de Stephen Greenblatt**. Digestivo Cultural. 2012. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3629&titulo=A_Virada_de_Stephen_Greenblatt> Acesso: 02 junho 2014.

ECO, U. A falação esportiva. In: _____. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.220-226.

ELIAS, N. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: _____; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial Lda, 1992a, p.187-221.

_____. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: _____; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial Lda, 1992b, p.223-256.

_____. Sugestões para uma teoria de processos civilizadores. In: _____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.191-297.

GAY, P. Domínio incerto. In: _____. **O cultivo do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.426-448.

GREENBLATT, S. La circulación de la energía social. In: _____. **Shakespearean Negotiations**. Berkeley: University of California Press, 1988, p.1-20; 165-167. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/142747395/La-circulacion-de-la-energia-social-Stephen-Greenblatt>> Acesso: 28 maio 2014.

GUEDES, S.L. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. **Antropolítica**, Niterói, n. 31, p. 31-43, 2º. sem. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/view/88>>. Acesso: 12 dez. 2014.

LASCH, C. A degradação do esporte. In: _____. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1983, p.133-160.

O GLOBO. **Stephen Greenblatt e o personagem Shakespeare**. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2011/12/03/stephen-greenblatt-o-personagem-shakespeare-419764.asp>> Acesso: 02 junho 2014.

RAMOS, M.J.V. La poética cultural o New Historicism. In: **Anuário de Estudios Filológicos**, 16 (1993), p. 7-25. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/58802.pdf> Acesso: 02 junho 2014.

TEIXEIRA, F.C. Timoneiros: retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini. 240f. **Tese** (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

VAZ, A.F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Caderno Cedes**, Campinas, ano XIX, n. 48, agosto/99, p.89-108.

_____. Esporte e indústria cultural em Theodor W. Adorno: reflexões sobre a educação do corpo. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, ano VIII, n. 8, set./2002, p.33-46.

_____. Corpo, espetáculo, fetichismo: questões para a compreensão do movimento da indústria cultural hoje. In: DURÃO, F.A.; ZUIN, A.; VAZ, A.F. (org.). **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, 2008, p.199-211.

_____. **Entrevista ao autor do texto**. Florianópolis: 2014.